



PRESIDÊNCIA

PROGRAMA DE AÇÃO

Coesão: social e territorial

Tem vindo a Associação de Especialistas da Força Aérea (AEFA), desde há alguns anos a esta parte a consumir um constante e progressivo distanciamento da sua razão de ser: os sócios e o seu pacto social.

As mais diversas intervenções, nos mais diversos meios de comunicação, atestam que o objectivo da AEFA se encontra adulterado, subvertido e mesmo espezinhado.

A essência de qualquer associação são os seus associados, isto é, as pessoas.

Quando fundada a AEFA foi gerada dentro de uma determinada contextualização, adaptada e em conformidade com a época, mas já lá vão quase quarenta anos.

Curiosamente a AEFA, constituída por gente capaz de empreender, decidir e resolver, apresenta-se hoje como um corpo estranho, acéfalo e desagregado, sendo que a união era o seu maior potencial.

Quem viveu a sua génese sente-se hoje desconfortado.

Quem a dirigiu sente-se hoje defraudado.

Foram anos e anos, em que a alienação da nossa AEFA foi sendo vertida. Para o conseguir nem sempre é necessário ter poder institucional, por vezes o poder e a sedução relacional são mais eficazes. Nem sempre quem manda pode.

Estamos atrasados quinze anos no tempo que não no espaço.

Os fratricídios têm de terminar.

Tudo será feito no sentido de uma verdadeira e sadia coesão social, enviando fortes apelos à tolerância, á amizade e à solidariedade.

Urge dotar a nossa associação de um novo paradigma que nos conduza àquilo que são as expectativas dos associados. Contudo importa aqui sublinhar que é premente que os associados tenham a mais correcta interpretação do objecto social da nossa associação. Não é uma associação de cariz sindical, nem uma associação de intervenção político-partidária.

A leitura no nosso pacto social é objetiva e concisa quando diz no seu Art. 4º do Regulamento Interno;

“A Associação de Especialistas da Força Aérea tem por objectivos:

1 - A promoção, divulgação e estudo da causa aeronáutica.



PRESIDÊNCIA

2 - *A análise e debate da problemática da Defesa Nacional na perspectiva da sua componente essencialmente aeronáutica.*

3 – *A congregação de todos os antigos e actuais Especialistas possibilitando-lhes, além do expresso nos números anteriores, a possibilidade de desenvolvimento cultural, convívio, treino físico e apoio social, como forma de manter vivo o espírito intrínseco do Especialista da Força Aérea.”*

Foi para isto que a AEFA foi formatada, foi neste contexto que foram sintetizados aquilo que aos fundadores pareceu a melhor e mais objectiva forma de congregar os Especialistas “sujeitando-os” a um vínculo indecifrável, mas objetivo que cada um definirá por si – “*o espírito intrínseco do Especialista.*”

Os paradigmas alteraram-se.

Diríamos mesmo que se subverteram.

Aquilo que era essencialmente o convívio e a amizade situa-se hoje em vertentes bem mais relevantes que urgem abordar e intervir: falamos desenvolvimento cultural, convívio e apoio social.

Conscientes da responsabilidade que o facto – marcante - de podermos utilizar a denominação de A.E. da **Força Aérea** nos determina, por respeito, admiração e lealdade para com a Força Aérea Portuguesa, não poderemos deixar de intervir em matérias que, aparentemente com objectivos políticos se nos afiguram como sociais, como seja o caso dos antigos combatentes. Hoje ou ontem, a AEFA deverá ter um papel mais interventivo, devidamente enquadrado na serenidade e sensibilidade que nos caracteriza, mas assumir a liderança de projectos e de iniciativas que, sejam incómodas ou não, constituem o nosso sentimento face às políticas (não) adoptadas para com os ex-combatentes.

O Plano Estratégico por nós desenvolvido e que acompanha esta Direção deverá ser lido e avaliado por cada um dos associados.

É a perenidade da nossa Associação que está em causa.

Contudo pode haver (há) algum caminho a fazer neste âmbito.

O Especialista carece de estar activo. Cada um tem a sua vida, familiar e social, mas a aprendizagem ao longo da vida, termo tão politicamente correto, é uma emergência.

Aquilo que há trinta, vinte ou mesmo dez anos era impensável está a acontecer, fruto de uma sociedade virada para o pós-modernismo que esquece a sua maior grande valia que é o capital humano.



PRESIDÊNCIA

Será nesta mais-valia, nesse capital humano, que para nós é tão rico, que teremos de consolidar linhas de estratégia, sólidas, abrangentes e operacionais para que possamos defender os nossos ou, no mínimo, mitigar o seu sofrimento.

Muitos dos nossos associados encontram-se num patamar difícil da vida. Estão ainda distantes da quarta idade, mas muitos já entraram e muitos outros se preparam para entrar na terceira idade. Se por um lado constitui uma boa notícia, por outro, para os que possuem famílias desestruturadas, ou mono famílias avizinham-se períodos complicadas que deverão merecer uma superior atenção tão imediata quanto possível. Basicamente para uma potencial convergência com estes objectivos mais de fundo torna-se urgente reorganizar, reabilitar e reestruturar todo o tecido estrutural da AEFA, credibilizando-o, responsabilizando-o e monitorizando-o.

Já falámos da vertente cultural, mas ao de leve, importa concretizar.

Existem hoje diversas formas de chegar ao conhecimento. Quando falamos em Universidades Seniores, ocupação de tempos livres, Novas Oportunidades, conhecimento em geral, pergunta-se? Não será uma forma de prestar serviço aos associados através de um plano geograficamente articulado que possa servir a todos? Cremos que sim.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são uma realidade para o bem e para o mal. Contudo são uma importante ferramenta na possibilidade de comunicação quase instantânea e, dentro de um princípio de transparência, logo, nada mais do que aproveitá-las, mas sem intermediários. Urge ter o nosso “sitio” operacional.

Sempre conscientes de que 1/3 dos portugueses são info-excluídos.

Mas, essas mesmas tecnologias permitem hoje reconhecer que, no espectro da AEFA, existem diversas comunidades, geradas por sentimentalismos muito próprios e perfeitamente explicáveis, dando como exemplos: os “da Guiné”, os “Nanamue”, os “da AB 7”, “Veteranos” e outros, onde todos são especialistas.

As amizades perpetuam-se em função da quantidade/qualidade das vivências. Todos sabemos que elas foram mais vivenciadas ao nível de BA/AB/AM ou mesmo AT.

A AEFA deverá ver nestas comunidades, virtuais ou reais, formais ou informais, não um empecilho, mas antes verdadeiros parceiros operacionais. E, é neste princípio, que a AEFA sobrevirá sabendo-se assumir como entidade federadora, garantia do património colectivo que a indecifrável frase “valor intrínseco do especialista” cuja somente poderá ser descodificada por cada um de “per si”. Deve-se apostar nestas



PRESIDÊNCIA

comunidades optando-se um procedimento de apoio administrativo e afectivo a cada uma delas.

A reorganização territorial da AEFA deverá merecer uma atenção inovadora, pretendendo-se um enquadramento compatível com o que a sociedade vai denunciando e as diferentes Instituições deram como adquirido. Um sistema regional, baseado na proximidade será o modelo de gestão desta Direção.

Trabalho, empreendedorismo e inovação, termos tão em voga, serão igualmente indispensáveis, assim como uma mais estreita e desinteressada aproximação dos associados à sua Associação.

Os Grupos de Trabalho deverão ser uma ferramenta a considerar neste trajeto.

Há realidades e ou valores que teremos de defender e, ou, preservar.

Para isso queremos estabelecer Grupos de Trabalho em pelo menos seis áreas temáticas, ou projetos que designaremos, genericamente, como:

- Cidadania e Defesa Nacional
- Envelhecimento ativo.
- Conteúdos informativos
- Entretenimento e Laser
- Para memória futura
- Núcleo Museológico

E outros.

Naturalmente que neste propósito se insere uma tentativa de envolver o maior número possível de associados nos diferentes projetos.

Mais e maior proximidade a par de mais e maior coesão (social e territorial) será o nosso lema.

O Presidente

Paulo Castro